

O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS GARIS: um estudo sobre representações sociais

Fernanda Tarabal Lopes*

Ana Alice Duarte Maciel**

Alexandre de Pádua Carrieri***

Derli de Souza Dias****

Ivana Benevides Dutra Murta*****

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender as representações sociais que os garis apresentam sobre a atividade que realizam. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas em profundidade com trabalhadores da Superintendência de Limpeza Urbana (SLU). A análise linguística do discurso foi o método utilizado para compreensão dos dados e possibilitou a verificação das seguintes categorias de análise, definidas a partir do discurso dos entrevistados: preconceito; más condições de trabalho; desemprego; terceirização; e valorização do trabalho. A valorização do trabalho que realizam aparece como principal aspecto ideológico defendido nos discursos dos sujeitos. Em contrapartida, a possibilidade da perda desse trabalho é enfaticamente combatida, sendo que esta é percebida pelos garis no fenômeno da terceirização. A partir da compreensão discursiva foi possível perceber aspectos compartilhados pelos sujeitos, apontando para as principais representações sociais presentes no

41

* - Graduada em Psicologia (UFMG). Mestre em Administração (UFMG). Doutoranda em Administração (UFMG). Professora da FaPP/UEMG.

** - Graduada em Psicologia (UFMG). Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas (UFMG). Mestrado em Administração (UFMG). Coordenadora de Treinamento e Desenvolvimento na V&M do Brasil.

*** - Doutor pela UFMG (2001). Professor Titular e Coordenador do NEOS. Cepead/CAD/Face/Ufmg. Belo Horizonte, MG.

**** - Graduada em psicologia pela (PUC/MG), mestre em Administração pela UFMG. Atualmente é Superintendente de Recursos Humanos do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Minas Gerais.

***** - Mestre em Geografia (UFMG), bacharel em Turismo (UFMG).

grupo em questão. Dentre outras constatações, concluiu-se que, apesar do preconceito e discriminação, os garis demonstram, em seu discurso, representações fortemente positivas relacionadas ao trabalho.

Palavras-chave: *Representação social. Trabalho. Garis. Análise do discurso.*

EL SIGNIFICADO DEL TRABAJO PARA LOS BARRENDEROS: un estudio sobre las representaciones sociales.

RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo comprender las representaciones sociales que los barrenderos tienen sobre la actividad que realizan. Por lo tanto, se realizaron entrevistas semiestructuradas en profundidad con trabajadores de la Superintendencia de Limpieza Urbana (SLU). Un análisis lingüístico del discurso fue el método utilizado para entender los datos y nos permitió la verificación de las siguientes categorías de análisis, definidas a partir del discurso de los entrevistados: el prejuicio, malas condiciones de trabajo, desempleo, contratación externa y la valorización del trabajo. La apreciación de su trabajo aparece como el principal aspecto ideológico defendido en sus discursos. Por el contrario, la posibilidad de la pérdida de este trabajo se opone firmemente, y esto es percibido por los barrenderos en el fenómeno de la subcontratación y tercerización. A partir de la comprensión discursiva fue posible percibir aspectos compartidos por los sujetos, que apunta a las principales representaciones sociales presentes en el grupo en cuestión. Entre otros hallazgos, se concluyó que, a pesar de los prejuicios y la discriminación, los barrenderos demuestran, en su discurso, representaciones fuertemente positivas relacionadas con el trabajo.

Palabras claves: *Representación social. Trabajo. Barrenderos. Análisis del discurso.*

THE MEANING OF WORK FOR "GARIS" (STREET-SWEEPERS): a study on social representations

ABSTRACT

This study aims at understanding the social representations that garis (street-sweepers) have about the activity they perform. On account of this, semi-structured interviews were conducted with workers of Superintendence for Urban Cleaning (SLU - Belo Horizonte/ BR). The method of discourse analysis was used in order to understand the related data. The analysis pointed out the following subjects: preconception; poor work conditions; unemployment; outsourcing; and work valuation. Work valuation appears as the main defended ideological aspect in the garis' discourse. On the other hand, the possibility of losing their job is emphatically fought by the garis as this is very likely due to the outsourcing phenomenon. From discourse understanding aspect, some features can be noted and they are shared by the garis which pointed out to social representations present in this study group. Among other findings, the work concluded that the garis' speech show positive representations about their own work despite prejudice and discrimination.

43

Keywords: *Social representations. Work. Garis (street-sweepers). Discourse analysis.*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho configura-se como uma das principais dimensões da vida do homem. Influencia na sua inserção na sociedade, delimita espaços de mobilidade social e aparece como um dos fatores constitutivos da identidade e identificação dos indivíduos, interferindo tanto no sentido da sua valorização, inserção na sociedade e autorrealização quanto no sentido de sua desvalorização, podendo, neste caso, contribuir para sua exclusão social. Tal influência não se dá de forma isolada, mas a partir da interação de fatores intrínsecos a cada indivíduo com fatores externos a ele, como as representações que a sociedade apresenta sobre cada atividade e os fatores ligados às organizações, e, em particular, à organização do trabalho.

A partir desta concepção, este estudo teve como objetivo investigar sobre as representações sociais que trabalhadores da limpeza urbana – os garis – apresentam sobre a atividade que realizam, compreendendo o significado que eles atribuem ao seu trabalho.

A atividade do gari relaciona-se basicamente à coleta de lixo. Esta atividade, apesar da grande relevância para a sociedade em geral, tende a ser vista como um trabalho “menor”, sendo estes profissionais deixados em segundo plano na estrutura social. Tais indivíduos estão sujeitos a preconceitos e a um fenômeno denominado “invisibilidade social” ou “invisibilidade pública”, relacionado ao desaparecimento psicossocial de um homem perante seus semelhantes. Tal fenômeno, segundo Costa (2002, 2004), é tipicamente mais comum entre as profissões de classes pobres. Diante dessa realidade, almejou-se verificar como os garis percebem sua atividade, buscando compreender o imaginário social acerca do trabalho que desenvolvem, a partir das representações sociais que apresentam.

44

Para tanto, este artigo encontra-se estruturado em cinco partes, incluindo esta introdução. A seção seguinte trata do referencial teórico, que aborda sobre o significado do trabalho na vida do homem e o conceito de representação social. Na sequência é apresentada a metodologia utilizada no estudo. Posteriormente, encontra-se a análise dos dados coletados e, por fim, as conclusões e considerações finais.

2. REFLEXÕES TEÓRICAS

2.1. O significado do trabalho

O resgate histórico do significado do trabalho apresenta duas visões ou perspectivas contrárias que merecem destaque. Elas se revelam nas origens do seu conceito. A palavra trabalho etimologicamente significa “*tripalium*” - instrumento de tortura -, que remete a associação

de fardo e sacrifício (GODELIER, 1986). Contudo, trabalho, também, pode ser entendido como "*labor*", palavra de origem latina ligada às atividades agrícolas, à laboração no campo e, portanto, com o sentido de cultivo, cultivar, elaborar, elaboração (VIEGAS, 1989). Conforme ressalta Viegas (1989), há, na primeira concepção, uma perspectiva negativa do trabalho que representa punição, castigo e um peso para quem o realiza, estando relacionada ao trabalho alienado, caracterizado pela divisão entre concepção e execução da atividade de trabalho. Neste sentido, o trabalho pode ser visto como um trabalho "antivida", um trabalho que pode ser dito ocupação, mas não elaboração, construção (VIEGAS, 1989), conforme a segunda aceção apresentada.

A organização do trabalho, integrada a um contexto psicológico, pode se configurar como um fator patogênico. Lima (2004) expõe sobre a relação entre adoecimento e trabalho, e aponta sobre possíveis nexos entre certos distúrbios mentais e o exercício de certas atividades profissionais específicas. A autora realizou um levantamento epidemiológico em clínicas e hospitais psiquiátricos da cidade de Barbacena-MG. Os resultados do estudo demonstram que algumas categorias profissionais desenvolvem quadros clínicos específicos e reveladores das condições de trabalho às quais estão submetidas (LIMA, 2004).

Neste sentido, percebe-se o sentido negativo do trabalho que se difere da concepção do trabalho enquanto '*labor*', que relaciona o trabalho à possibilidade de construção, de identidade e de autorrealização. Tal concepção parte da ideia de que o trabalho configura-se como uma das principais dimensões da vida do homem, interferindo na sua inserção na sociedade, delimitando espaços de mobilidade social e destacando-se como um dos fatores constitutivos da identidade dos indivíduos.

Desse modo, o trabalho não é uma atividade dentre tantas outras, na medida em que se diferencia pela centralidade que ocupa na vida do sujeito, adquirindo uma função psicológica (CLOT, 2006). Segundo Freitas (2000), o trabalho é uma grande fonte de referência para a construção social dos homens e de sua autoestima. Viegas (1989) destaca que o trabalho representa a possibilidade de o homem crescer e realizar-se pessoalmente; ou seja, construir a si mesmo como ser, como indivíduo. Nessa concepção, o trabalho significa mais do que uma ocupação ou um ato de servir; também oportuniza o desenvolvimento e o preenchimento da vida do homem.

46

Godelier (1986) aponta que o trabalho é uma atividade intencional, ou seja, tem finalidade de produção de valores por meio do uso e da apropriação de elementos da natureza. O indivíduo produz para se reproduzir; reproduzindo tanto suas relações com a comunidade como a própria comunidade em si. Reafirmando essa interação do trabalhador com o ambiente, Viegas (1989) descreve que, diferentemente do trabalho alienado que se caracteriza pela perversão do sentido da criação humana, o trabalho estaria ligado à construção do ser humano: "ou seja, a criação, a criatividade. Trabalho é 'poiesis', é poesia [...], ou seja, é produtiva, é abundante" (VIEGAS, 1989, p. 8). E, segundo sua própria concepção, a "poiesis" humana refere-se à dimensão simbólica, à produção de significados, de linguagem, que se concretiza, dentre outras possibilidades, a partir do trabalho. Para a autora, há uma interação e integração do homem com e no trabalho:

[...] quanto mais o homem coloca de si no mundo, mais conteúdo interior ele vai adquirindo. E é exatamente esse o sentido de trabalho vinculado à vida. Trabalho é a forma humana de fazer jus à vida, é a forma humana de produzir, não no sentido de criar objetos reificados, simplesmente, mas no sentido de criar significações. [...] o trabalho acrescenta o que sou ao que não sou, acrescenta o que não sou ao que sou. Ele dá uma

dimensão virtual para o meu ser. (VIEGAS, 1989, p.10-11).

Para Karam (2003), o trabalho não se encontra apenas no registro do consumo, mas na constituição do ser. Lima (2007) defende a centralidade do trabalho e seu papel de destaque na constituição e consolidação das identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, a identidade do homem é construída a partir da sua ação sobre a natureza. A autora demonstra evidências que apontam sobre a centralidade do trabalho na vida dos indivíduos. Ela cita o trabalho de Organista (2006), que demonstra, em pesquisa com camelôs, que mesmo uma atividade precária, informal e repleta de dificuldades, representa posição central na vida dos indivíduos, que se reconhecem como agentes sociais moralmente aceitos. Além disso, a autora demonstra também outros estudos que revelam como o afastamento do trabalho (seja por doença, acidente, desemprego, ou mesmo aposentadoria) é fonte de grande sofrimento, agravando quadros de adoecimentos já existentes ou mesmo criando novos. Nesses casos, a perda do trabalho configura-se como rupturas na identidade e ausência de referências.

47

Considerando que todo e qualquer trabalho é composto e compõe contextos sociais que é a proposta deste estudo, faz-se importante refletir sobre o conceito de representação social. É o que será tratado no próximo item.

2.2. Representação social

Na Psicologia Social, o tema da representação social é estudado na perspectiva de se verificar o comportamento do sujeito sob a influência do social, tentando descobrir como ocorre na prática o compartilhamento e transformação do conhecimento. Em 1961, Moscovici publica sua obra sobre o assunto. O autor parte do conceito de representações coletivas, definido por Durkheim. Ele se refere a

diferentes modos de organização social do pensamento, chamando atenção para a necessidade de se pensar o sujeito dentro de um contexto social. Dessa forma, sendo mais abrangente, redefine então o que passaria a chamar de Representações Sociais.

Moscovici (1978) defende a participação ativa dos sujeitos no contexto social, considerando a existência de uma capacidade de elaboração constante, através de um pensamento social que busca reavaliar e solucionar problemas e conflitos. Para o autor, a partir das relações entre os indivíduos, a representação social é construída com o propósito de tornar familiar algo que não o era: “ela consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, teorias e fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes.” (MOSCOVICI, 1978, p. 49).

48

Na teoria de Moscovici, Spink e Bock (1993, p. 305), entendem-se as representações sociais como “a expressão de permanências culturais como o *locus* da multiplicidade, da diversidade e da contradição”. As representações sociais são consideradas por Minayo (1995) como matéria-prima de análise do social. Minayo também reforça que cada grupo possui sua representação, que corresponde à sua posição e a interesses sociais específicos, não sendo necessariamente conscientes, de forma que:

[...] perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz a partir das estruturas e das próprias categorias de pensamento do coletivo ou dos grupos. Por isso, embora essas categorias apareçam como elaboradas teoricamente por algum filósofo, elas são uma mistura das ideias das elites, das grandes massas e também das filosofias correntes, e expressão das contradições vividas no plano das relações sociais de produção. Por isso mesmo, nelas estão presentes elementos tanto da dominação como

da resistência, tanto das contradições e conflitos como do conformismo. (MINAYO, 1995, p.109).

Sendo as representações sociais uma das formas de compreensão do mundo, elas permitem transpor comportamentos e/ou visões adaptados socialmente para o plano do conhecimento, permitindo uma reflexão coletiva.

Por um lado, a representação toma o lugar da ciência e, por outro, a constitui (ou a reconstitui) a partir das relações sociais envolvidas; de um lado, portanto, através da representação, uma ciência recebe uma duplicação, sombra colocada sobre o corpo da sociedade, e, de outro lado, ela se desdobra - na medida em que está fora do ciclo e no ciclo das transações e dos interesses correntes da sociedade. (MOSCOVICI, 1978, p.78).

Em publicação mais recente, Moscovici afirma que as representações sociais retratam "um certo modelo recorrente e compreensivo de imagens, crenças e comportamentos simbólicos". Ainda esclarece:

[...] as representações sociais são sociais pelo fato de serem um fato psicológico de três maneiras: elas possuem um aspecto impessoal no sentido de pertencer a todos; elas são a representação de outros, pertencentes a outras pessoas ou a outro grupo; e elas são uma representação pessoal, percebida afetivamente como pertencente ao ego. (MOSCOVICI, 2003, p. 209).

O autor argumenta que as representações sociais são um conjunto de conceitos, proposições e esclarecimentos surgidos a partir da vida diária e comunicações interpessoais.

Para Jodelet, a representação é uma "forma de desconhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social." (JODELET, 2001, p. 21). Enfatiza que, sendo o homem ser

social, ele precisa adaptar-se ao mundo em que vive, principalmente no que se refere ao comportamento e à sobrevivência. Para tanto, torna-se fundamental buscar continuamente informações sobre esse mundo que o instrumenta para a convivência em sociedade e, como resultado dessa realidade, o homem cria as representações que são essenciais para que a sua existência perpasse num vazio social. É por isso, conforme observa a autora, que as representações criadas sobre um determinado objeto são sociais e, através delas se nomeia, define e interpreta diferentes aspectos da realidade cotidiana.

Para Moscovici (2003), no momento em que os sujeitos sociais organizam e estruturam espaços representativos, eles o fazem para dar sentido à realidade, apropriá-la e interpretá-la. Desta forma, conseguem dizer quem são, como compreendem a si mesmos e aos demais, como se localizam no campo social e quais os recursos afetivos e cognitivos lhes são acessíveis em certo momento histórico.

50

Portanto, o processo de representação social permite às pessoas explicar e compreender diferentes aspectos da realidade e buscar um meio de agir em relação a eles. Isso, porque a representação se coloca no lugar do objeto social a que se refere, convertendo-se em realidade para os atores sociais. As representações sociais servem como guia para as relações e as ações sociais (ABRIC, 1998), cujo objetivo é classificar acontecimentos da vida social conforme uma ordem de interpretação do grupo, de modo a permitir ações relativas a tais eventos.

Moscovici (1961) já afirmava que a representação social é um modo de dar nova forma ao que é estranho, transformando-o em familiar a partir da acumulação de algo novo à estrutura de conhecimentos já existente e, até então, dotado de certa estabilidade. Em sintonia com essa concepção, Valsiner (2003) sustenta que o processo da

representação social refere-se à construção de signos para enfrentar um futuro próximo desconhecido, restringindo a incerteza.

As concepções acima apresentadas reportam à afirmação de que a representação social é um sentido concedido a um dado objeto tendo como base o grupo social no qual se pertence que, por sua vez, determina significados, valores culturais e ideológicos, conhecimentos e experiências particulares e afetivas de cada indivíduo que ali pertence. Portanto, o processo de atribuição de sentido a algo e o próprio sentido em si devem ser estudados em conjunto na medida em que ambos são construções psicossociais do ser humano. É uma ação que descreve a incorporação da história pessoal à dos grupos com os quais interage, seja diretamente ou não.

3. METODOLOGIA

Este trabalho investigou como os trabalhadores da limpeza urbana percebem e concebem seu trabalho. Para tanto, foram entrevistados cinco sujeitos, todos exercendo, no momento da pesquisa, o cargo de gari III, conhecido como "lixeiro". A idade dos sujeitos variou entre 32 e 46 anos, e o tempo de trabalho como gari na SLU foi de 10 a 26 anos de serviço. Todos os pesquisados eram do sexo masculino.

Para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas em profundidade, permitindo aos pesquisadores acesso às interpretações subjetivas dos sujeitos em relação às suas vivências. As entrevistas foram semiestruturadas, partindo de uma "trilha" inicial, mas garantindo aos sujeitos divagar livremente sobre aspectos que consideravam de maior importância. Preconizou-se neste estudo a visão dos trabalhadores em questão, e não da instituição de forma direta, mas indiretamente, uma vez que o discurso da instituição também se reflete no discurso dos trabalhadores, por fazerem parte do mesmo contexto social e estarem inseridos dentro da cultura e organização do trabalho adotada pela instituição. Elemento também considerado

aqui foi o próprio significado do trabalho de determinadas atividades para a sociedade em geral - tais como a do gari, conforme apresentado por Costa (2002; 2004), quando trata da questão da "invisibilidade social". Tal recorte justifica-se pelos objetivos da pesquisa: compreender o que os garis pensam sobre o trabalho que realizam, enfatizando o significado construído sobre suas atividades. Dessa forma, optou-se por não abordar diretamente o ponto de vista da instituição, constituindo essa lacuna uma possibilidade para estudos futuros.

Os dados coletados na pesquisa foram analisados através da técnica de análise linguística do discurso. Os conceitos e ferramentas desta análise são aplicados a diversos e diferentes objetos sociais resultantes da interação linguageira. A análise do discurso, considerada neste trabalho como ferramenta metodológica, visa compreender como uma mensagem é transmitida, explorando o seu sentido (VERGARA, 2005); possibilita, através da investigação de textos escritos e da interação oral, compreender a passagem do subjetivo para o objetivo, configurando-se em uma rica fonte de conhecimento sobre os fenômenos organizacionais (CARRIERI; RODRIGUES, 2001).

Segundo Fiorin (2005) a linguagem veicula uma ideologia, devendo ser compreendida a fim de se apreender tais determinações ideológicas. Como afirma este autor, "uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo" (FIORIN, 2005, p. 32).

A ideologia, para Fiorin, é um fenômeno da realidade, "que oculta as relações mais profundas e expressa-as de um modo invertido. A inversão da realidade é a ideologia". Não há um conhecimento neutro, pois este sempre expressa o ponto de vista de uma classe.

Essa visão de mundo se reproduz, então, por meio do discurso. As formações ideológicas estão vinculadas à linguagem e ganham existência nas formações discursivas. A análise propõe-se a desvelar a visão de mundo dos sujeitos inscritos no discurso.

Para tanto, faz-se necessário a compreensão da estrutura do discurso. Nesse sentido é importante a diferenciação do que corresponde a sintaxe e semântica discursiva. Fiorin afirma que a sintaxe discursiva compreende aspectos como a introdução ou não da primeira pessoa no discurso, utilização de discurso direto, indireto e indireto livre, dentre outros. São estratégias argumentativas utilizadas a fim de persuadir o leitor, garantindo ao discurso efeito de verdade. Já a semântica discursiva é o campo da determinação ideológica.

Há no discurso, então, o campo da manipulação consciente e o da manipulação inconsciente. A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. [...] O campo das determinações inconscientes é a semântica discursiva [...]. A semântica discursiva é o campo da determinação ideológica propriamente dita. Embora esta seja inconsciente, também pode ser consciente. (FIORIN, 2005, p. 18-19).

53

Para a compreensão do discurso e sua relação com a ideologia é fundamental o entendimento de duas dimensões: a interdiscursividade e da intradiscursividade. Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, uma relação multiforme com outros discursos, em geral, categorias de oposição. O discurso remete à uma concepção no qual se constrói e à uma oposição desta concepção. Faria (2005) propõe

a oposição como categoria para análise das relações entre o intradiscurso e o interdiscurso; essa categoria analítica permite, a partir de um dado discurso, caracterizar o outro discurso, a

outra 'visão de mundo' em oposição à qual aquele discurso dado se constitui. (FARIA, 2005, p. 257).

Para se perceber o contexto interdiscursivo no qual o texto se insere, deve-se tomar como base o intradiscurso presente na narrativa, ou seja, a trajetória de sentidos que são desenvolvidos ao longo da narrativa, os percursos semânticos. Na percepção dos percursos semânticos é importante se desvelar os temas e figuras observados, bem como aspectos explícitos, implícitos e silenciados no decorrer do discurso.

Faria e Linhares (1993) enfatizam a importância do discurso, compreendido como a combinação de elementos linguísticos utilizados como forma de expressão de pensamentos e de ação no mundo. Para Maingueneau (2005), o código linguareiro representa as visões de mundo de cada sujeito. A análise do discurso se propõe a desvelar a visão de mundo dos sujeitos inscritos no discurso; nesse sentido a técnica resplandece como ferramenta de destaque para a compreensão da temática deste trabalho.

54

4. O TRABALHO DOS GARIS

4.1 SLU: breve histórico

A SLU (Superintendência de Limpeza Urbana) é uma autarquia criada pela lei de nº 2.220, de 27 de agosto de 1973, juntamente com o Plano Diretor de Limpeza Urbana de Belo Horizonte. O objetivo fundamental da criação da SLU foi proporcionar à cidade um serviço técnico de limpeza de qualidade e moderno, com soluções eficazes para a limpeza urbana da capital. Uma das metas desse plano consistiu na destinação final do lixo, pois este ficava, até então, disposto a céu aberto.

Os profissionais da limpeza são classificados dentro da SLU, de acordo com o tipo de atividade que realizam, como gari I, II e III.

O gari I desenvolve atividades de varrição, capina, roçada, raspção de resíduos, acondicionamento do lixo público e recolhimento dos produtos dessa atividade. O gari II realiza atividades de apoio à limpeza pública de ruas e logradouros, tais como: operação de lavação, desobstrução de caixas e ralos, remoção e destinação final do lixo público e outros, operação de roçadeira mecanizada, prensa hidráulica e outros equipamentos próprios. O gari III desenvolve atividades operacionais de coleta de lixo domiciliar, seletivo e especial, como o lixo hospitalar, transportando-o e realizando sua destinação final¹. Atualmente, parte do trabalho realizado pelos garis encontra-se terceirizado. Dessa forma, os servidores públicos têm dividido com funcionários de empreiteiras a responsabilidade pela limpeza do município.

4.2. Análise do discurso: compreendendo as representações sociais

As falas dos entrevistados, compreendidas pela análise do discurso, remeteram a temáticas e figuras recorrentes utilizadas pelos sujeitos. Inseridos no percurso semântico do trabalho, pode-se depreender os seguintes temas: preconceito, más condições de trabalho, desemprego, terceirização e valorização do trabalho. Como a análise se pauta na percepção de um grupo sobre sua atividade, estas categorias correspondem àquelas mais representativas apontadas pelos sujeitos. Cada temática foi analisada isoladamente, possibilitando, ao final, traçar quais os discursos presentes, os principais aspectos ideológicos defendidos e combatidos no discurso, e a relação interdiscursiva presente, observada através da posição do discurso hegemônico no texto, com relação aos discursos hegemônicos na sociedade em que ele se situa.

4.2.1 Preconceito

A temática do preconceito foi bastante presente no discurso dos garis, sujeitos desta pesquisa. Segundo eles, observou-se, na sociedade, por bastante tempo, uma grande discriminação em relação ao trabalho do gari, materializado na figura do “lixeiro”: “[...] eu estou de roupa branca, se eu entrar na lanchonete, a gente vê que as pessoas afastam porque sabem que é da SLU”.

O preconceito é relacionado ao fato de os garis trabalharem diretamente com o lixo, o que muitas vezes acarreta serem confundidos com tal. Um dos garis entrevistados, este com mais de 20 anos de casa, usa de metáforas para enfatizar o seu pensamento: “viu que a gente era gente, não era lixo”. Este sujeito afirma também que, muitas vezes, os garis são referenciados pela sociedade como “pessoal do lixo”, enfatizando a confusão que ocorre entre o gari e o lixo, objeto de seu trabalho. Este mesmo sujeito faz uma analogia a fim de se referenciar a esta questão; pois, segundo ele, é importante diferenciar o servidor, o lixo e o caminhão.

[...] Tinha gente que, porque trabalhávamos no lixo, achavam que éramos lixo. E não é assim, entendeu?! Lixo é lixo, servidor é servidor e caminhão é caminhão. São três coisas totalmente diferentes umas das outras. E, antigamente, os servidores que tinham aqui, eles tratavam eles mesmos como lixo. (Entrevistado)⁶.

Este discurso demonstra que a questão da confusão entre o gari e o lixo é observada, não apenas por parte da sociedade, mas também pelos próprios profissionais, que antigamente não valorizavam seu trabalho. Destaca-se que a indicação do tempo “antigamente” permanece silenciada no discurso, pois o gari não indicou exatamente a que época se referia.

6 - A transcrição das falas dos garis nas entrevistas foi corrigida para se conformar à ortografia da norma culta da língua, quando não mencionado o contrário.

Observou-se que, além da questão referenciada acima, outro sentimento percebido pela população em relação aos garis alude ao medo. Segundo relatos dos entrevistados, a população tinha medo dos garis: “[...] antes o pessoal tinha medo de chegar perto de mim”. Para outro depoente: “[...] antes, o caminhão ia passando, fechava a casa toda. ‘Pessoal do lixo vem.’ Eles falavam assim: ‘Pessoal do lixo.’ Eles não faziam essa diferença entre o servidor, o lixo e o caminhão, não”.

O uso do lexema “antes” deixa explícito que tal situação ocorreu no passado e implícito que, no presente, não ocorre mais, ou ocorre com menor frequência. Este implícito pode ser confirmado explicitamente em outros momentos do discurso desse mesmo gari, quando ele afirma que, hoje, a questão do preconceito já diminuiu bastante na sociedade. Apesar de vaga a questão do tempo, como destacado acima, percebe-se nos discursos dos garis a diferença entre o tratamento recebido “antes” pela sociedade e o que recebem atualmente: “[...] eu já vi muitas reportagens falarem que ficam muito orgulhosos de ter a gente, nós como colaboradores da limpeza”. São nítidas as oposições interdiscursivas de valorização versus desvalorização do trabalho.

57

Os maus tratos que recebiam, algumas vezes, da sociedade, acabavam gerando nos garis uma certa revolta, fato que, segundo um entrevistado, gerava conflitos entre eles e a população, o que fazia criar também a ideia de que garis são pessoas mal-educadas, de pouco estudo, dentre outros, conforme os trechos abaixo:

[...] Porque, até então, antes de eu entrar aqui, pelo que eu fiquei sabendo, o pessoal tratava, assim, a população, mal. Aqueles que mexiam com eles. Chamavam de “cheroso”. Tinha aquele negócio de “cheroso”, né!? “Cheroso” aqui, “cheroso” ali, né!? “Ô, cheroso!” Aí, o pessoal não raciocinava direito, né?! Já saía para a briga, brigava mesmo, entendeu!? [...] Então, como

a sociedade via aquela briga com os servidores da SLU, aquela confusão toda. “Tá vendo, aí só trabalha pessoas mal-educadas. Só pessoas que não têm estudo mesmo que faz esse tipo de trabalho”.

[...] Então, era aquele negócio, a gente passava com o caminhão em frente a um restaurante ou um bar ou uma pizzaria e tinha um pessoal lá com as namoradas e a gente passava: “Ô, cheroso!” Aí, descia todo mundo do caminhão e já bagunçava o coreto todo. Até mesmo o pessoal que está dentro de ônibus. Eu trabalhei muito tempo ali na Santos Dumont com Paraná, e quando a gente estava passando com o caminhão recolhendo o lixo, aí eu encostava do lado do ônibus e o pessoal lá de dentro: “Ô, cheroso!” Aí, a gente pegava aqueles lixos, aquelas cascas de laranja misturadas com lixo e jogava pela janela fora. (Entrevistado 3).

4.2.2. Más condições de trabalho

58

Aliada à questão do preconceito, está presente nos discursos dos garis a temática das más condições de trabalho. Além da questão social, relacionada ao preconceito, o trabalho do profissional da limpeza urbana remete a precariedades físicas. Os garis relacionam diversos acidentes de trabalho aos quais estão sujeitos, como problemas osteomusculares e intoxicação pelos dejetos que recolhem. Segundo o entrevistado 2: “Na parte que nós trabalhamos na área hospitalar, a gente tem muito problema com a agulha, com seringa, com material cortante. Eu mesmo já fui acidentado quatro vezes já com esse negócio de agulha”. Outro gari afirma:

[...] Agora, esse trabalho nosso, ele traz muito desgaste, sim. Ele pode trazer problema de saúde que é uma hérnia de disco, de tanto você fazer aquele movimento repetitivo, ele pode trazer problema no joelho porque, justamente, quando você pula do caminhão o joelho que segura seu peso todo para você não desequilibrar, quando você está descendo um morro, seu corpo vai todo

para cima do joelho e outra é quando você abaixa e você levanta, aí força a coluna dependendo do peso, dependendo do jeito. Eu mesmo, esses dias, tem mais ou menos três meses já, eu tive um acidente de trabalho. (Entrevistado 4).

Outra má condição bastante destacada é a questão salarial. Segundo os garis, o salário atual encontra-se defasado em vista do que recebiam no passado. Os baixos salários vêm gerando insatisfação dentre os servidores da SLU, que dizem receber valor inferior quando comparado ao funcionário da empreiteira que realiza o mesmo serviço (o tema da terceirização será tratado logo adiante). Um servidor afirma: "porque o nosso salário era um salário digno e aí eles concordariam, sim. E agora, hoje, nem todos concordam justamente porque nós não temos um salário digno, um salário que realmente faz reconhecer nosso trabalho."

No entanto, em oposição à questão salarial, os garis afirmam que as más condições físicas do trabalho vêm sendo amenizadas pela preconização de um trabalho mais seguro pela instituição.

59

Olha, quando eu entrei para cá, quando eu comecei a trabalhar na coleta hospitalar à noite, era muito horrível, horrível mesmo. Era tudo mal organizado, todo dia a gente tinha que passar reclamação para articulação, para ir lá olhar, e a SLU também, naquela época, também, era muita deficiência... São poucos funcionários, pouca fiscalização para muitos lugares, então, sempre tinha problema, né!? Mas, hoje, melhorou! Vamos dizer assim, de cem por cento, pode pôr oitenta e cinco por cento de melhora. Tem que melhorar muito ainda, tem que melhorar muita coisa ainda. (Entrevistado 2).

Há muito tempo, as condições da SLU eram muito ruins. Você pegava uma coisa hoje, apesar de que você não joga mais fora um tênis. Nós pegávamos o tênis que o pessoal jogava fora, para trabalhar. Hoje não. Hoje, nós temos dois pares de botas, quatro uniformes. Melhorou muito [...] Tinha uniforme, mas não era como tem hoje. (Entrevistado 4).

4.2.3. Desemprego

Observou-se no discurso dos garis a recorrência em relação à temática do desemprego. A dificuldade em conseguir emprego foi relacionada tanto aos motivos que os levaram a procurar a SLU, como também para demonstrar que, atualmente, o número de pessoas que procuram o trabalho como gari vem aumentando.

[...] As coisas foram ficando mais difíceis, emprego foi ficando mais difícil e começou a ter pessoas aqui, estudadas. Não vou falar que as outras pessoas aqui eram mal-educadas, mas tem pessoas aqui com outros pensamentos. Assim, mais instruídas, né?! (Entrevistado 5).

[...] Eu estava muito bem empregado, mas, de repente, houve uma queda muito grande, aí eu tive que sair do serviço, eu fiquei desempregado, eu tive que trabalhar de servente, eu tive que trabalhar de, de tudo quanto é jeito eu tive que se virar, porque eu pagava aluguel, taxa. Aí, teve inscrição, na época, teve inscrição. Aí, meu sogro falou assim: "Oh, [nome do entrevistado], tá fazendo inscrição lá na SLU, serviço, você vai?" Eu falei assim: Eu vou! (Entrevistado 1).

60

4.2.4 Terceirização

O fenômeno da terceirização é frequentemente referenciado no discurso dos garis. Atualmente, a SLU vem passando por um processo de terceirização, que representa a divisão do trabalho dos servidores públicos com profissionais do setor privado. A limpeza de alguns trechos da cidade tem sido realizada por empreiteiras contratadas pela superintendência. Diante deste quadro e da observância da pouca realização de concursos públicos para gari, os servidores da SLU encontram-se receosos diante da incerteza em relação ao futuro de sua área. Somado a isso, observa-se a diferença salarial entre o servidor e o profissional da empreiteira. É frequente a insatisfação diante dos fatos.

[...] Também estamos temos tendo o problema da terceirização que está só ampliando cada vez mais. E com isso, nós da casa temos um salário inferior ao pessoal da terceirização, e isso não é muito bom para nós. Então, isso aí deixa um pouco frustrado sobre nosso trabalho, sobre a nossa profissão que a gente já vem exercendo há tantos anos. (Entrevistado 4).

A temática da terceirização remete também a discussões acerca de trabalho público *versus* trabalho privado, outra oposição intra e interdiscursiva. Na visão dos garis, o trabalhador da empreiteira, apesar de receber maiores salários, está sujeito à instabilidade do setor privado, fato pouco frequente no serviço público. A segurança proporcionada pelo trabalho público é valorizada pelos garis, que se sentem ameaçados com a possibilidade de perda de tal garantia.

Sabe por que, a terceirização, ela é, tipo assim, ela vem, ficha você. Aí, você trabalha um ano, você não tem estabilidade. A SLU, a Prefeitura com a SLU, é estatal, ela te dá a segurança, entendeu!? Ela te dá a segurança, você sabe que hoje é um salário, se você não fizer por onde sair, você pode comprar alguma coisa de valor. Hoje, ela ficha hoje, e amanhã ela pode mandar você embora. (Entrevistado 2).

61

Na SLU, nós temos a estabilidade. Aqui, se você não estiver aguentando mais exercer a função de correr atrás do caminhão ou você tem um problema, porque o serviço nosso dá muito problema, principalmente de parte de coluna, joelho, que é a parte que movimenta mais, então, o que que eles falam: "Se você não está aguentando, eu vou por você para fazer um outro trabalho assim que não seja tão pesado." E na empreiteira não tem isso. Se eles não derem conta, é rua mesmo, porque lá não tem outra atividade para eles. (Entrevistado 3).

[...] A gente vive é daqui. Se a gente ganha pouco aqui, com esse pouco nós estamos nos virando. Se eles cismarem de nos mandar embora, sai

primeiro os de dez anos. “Ah, pelo menos os de dez anos têm que ir embora”. Como que eu vou fazer? Que que eu vou fazer aí fora? Sendo que eu não tenho profissão, não. Eu estou aqui, igual têm muitos aí, que eles trabalham aqui. Vinte anos que trabalham aqui. Eu acho uma covardia. (Entrevistado 1).

Além das questões já citadas, observou-se no discurso que, devido à terceirização da limpeza urbana, muitos garis da SLU estão ficando com pouca atividade. A diminuição das áreas destinadas a estes profissionais não significou uma correspondente diminuição no número de garis. Apesar de alguns já estarem se aposentando, o que se observa é que o número de profissionais da SLU chega algumas vezes a ser superior à demanda de serviço, visto a redução dos trechos. Dessa forma, os garis alegam que ocorre, algumas vezes, não irem para a rua trabalhar, ficando “encostados”: “Fica na reserva quando o trecho é terceirizado. Aí, sobra homem”; e sem o referencial que a sociabilidade pelo trabalho representa: “Mas que eles dão conforto para a gente, eles dão. Mas tirou o que era bom, que é a rua. Gostoso é a rua para trabalhar”. (Entrevistado 1).

62

Foi em julho ou junho, acabaram três trechos aqui na centro-sul. O meu mesmo foi um que acabou, fazia Cruzeiro/Anchieta. Então foi terceirizado. Acabaram dois da Serra. Foi terceirizado. Então, aí deu o quê? Se você for contar. Deram três trechos. Em cada caminhão trabalham cinco, então dá quinze pessoas. O que que vai ser feito dessas quinze pessoas dentro da SLU? Nós sabemos que o Prefeito deixou bem claro, mandado embora, não vai ser. Mas vai continuar trabalhando como? Fazendo o quê? Eu sou gari três. Qual outra função eu vou exercer aqui dentro? Então eu vejo que eles vão, tipo, encostando você. “Ah, você vai ficando aí se precisar você sair, você sai. Se não precisar, você bate seu cartão e ganha seu dia.” (Entrevistado 2).

4.2.5 Valorização do trabalho

É marcante no discurso de todos os sujeitos a valorização do trabalho que realizam:

Eu acho que é um trabalho importante, né?! É muito prestativo para a população, né!? Aí, tipo assim, o dia que a gente está em casa... a gente se dá conta mesmo da importância do trabalho da gente é no dia que você está em casa de folga, às vezes você está de férias, né, você está produzindo lixo também e você precisa colocar o lixo para fora, aí que você vê. Você fala assim: Poxa, se não fosse... principalmente de a gente estar na área também, né!? Você pensa assim: Nossa, se não fossem os garis passarem na rua para recolher o lixo, o que que seria da gente com esse lixo? Que que a gente tinha que fazer? Que destino que a gente ia dar para esse lixo? E, aí, a gente vê a importância é nessa hora. Acho que é um serviço muito importante, né!? Muito bom. (Entrevistado 5).

63

Observa-se nesta temática que os percalços encontrados na profissão atuam como fatores enaltecendo sobre o trabalho por eles executado. Segundo um dos entrevistados: "Eu gosto de prestar serviço para a população, né?! Eu acho um serviço bonito, igual o serviço de um médico". Outro também se valoriza: "[...] aí o moço estava falando que é muito gratificante de ver, hoje em dia, as pessoas trabalhando debaixo de chuva, coletando lixo e cantando ainda".

Já pensou se não existíssemos para fazer essa limpeza? O que seria da cidade? Então, às vezes, tem hora que eu vejo nosso trabalho até mais, entre aspas, até mais que o trabalho de um médico. Porque nós prevenimos a doença porque nós fazemos a limpeza da cidade. E não é fácil, não. Não é qualquer tipo de pessoa que vem e consegue ficar, não. Enfrentar chuva, sol, mau cheiro. Isso não é para qualquer pessoa. Então, nosso trabalho é muito essencial. E as pessoas,

hoje, começaram a ver isso. A sociedade começou a ver isso também. Que o nosso trabalho é um trabalho essencial. Nós já ganhamos vários elogios de moradores de bairro onde a gente faz a coleta: "Nossa, se não fossem vocês, o que seria de nós". (Entrevistado 4).

5. REFLEXÕES FINAIS

O estudo sobre o trabalho dos profissionais da limpeza pública trata sobre um grupo marginalizado pela sociedade. Costa (2002) enfatiza tal aspecto, destacando as más condições de trabalho às quais os profissionais da limpeza pública estão sujeitos, e que repercutem não apenas em sua saúde física, mas também em sua saúde moral e psicológica. O fenômeno da invisibilidade pública incute nos sujeitos sentimentos de indiferença e discriminação.

A partir da compreensão discursiva dos relatos dos garis foi possível perceber aspectos compartilhados pelos sujeitos em estudo, remetendo às representações sociais do grupo sobre o trabalho que realizam. Os temas depreendidos do discurso dos sujeitos configuram-se como um conhecimento elaborado e partilhado pelo grupo, que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 2001), no caso a realidade do trabalho dos garis. É importante destacar que as representações sociais apontadas imprimem sentido ao comportamento do grupo em questão, integrando-os numa rede de relações e, assim, tornando-os estáveis e eficazes, conforme a acepção de Moscovici (1978).

Além disso, destaca-se que as representações sociais são um conjunto de conceitos, proposições e esclarecimentos surgidos a partir da vida diária (MOSCOVICI, 2003). Dentre os conceitos relacionados às atividades do trabalho cotidiano dos garis, destacou-se a temática do preconceito: o lixo, objeto relacionado ao trabalho do gari e carregado simbolicamente de sentimentos como ojeriza e repugnância, acaba

por se materializar na figura do “lixeiro”. A questão do preconceito enuncia representações negativas relacionadas ao trabalho dos garis, caracterizando um trabalho “antivida”, tal qual preconizado por Viegas (1989). Outras representações marcantes no discurso referem-se às más condições de trabalho da classe, como as questões salariais, as lesões osteomusculares e o risco de contaminação. Tais indícios apontam para a relação entre adoecimento e atividade laboral, na qual a organização do trabalho pode se configurar como um fator patogênico (LIMA, 2004).

No entanto, os garis ressaltam que o preconceito vem se amenizando na atualidade, e que já são vislumbrados, hoje, pela sociedade, sentimentos positivos em relação ao trabalho que realizam. Conforme Viegas (1989), apesar da perspectiva negativa do trabalho, há que se ressaltar o significado positivo da atividade laboral, na medida em que esta pode representar um fator de crescimento e realização do homem. Nesse sentido, a valorização do trabalho que realizam aparece como o principal aspecto ideológico defendido nos discursos dos sujeitos. Tal constatação reforça a centralidade do trabalho para os indivíduos (CLOT, 2006), e que este significa mais do que uma ocupação, ou ato de servir, mas também oportuniza o desenvolvimento e preenchimento da vida do homem.

65

Percebe-se, a partir dos discursos dos entrevistados, que as representações sociais que os garis têm sobre seu trabalho cumprem o objetivo de tornar familiar algo “que não o era”, ou talvez, de forma mais apropriada neste caso, contornar uma dubiedade em relação ao trabalho realizado, em função do preconceito e desvalorização do trabalho e do trabalhador - hipótese que pode ser reforçada pela presença da ideologia defendida que se destaca no grupo. Além disso, o intradiscurso observado remete a uma oposição interdiscursiva referente à valorização *versus* desvalorização da figura do trabalhador.

Além disso, a possibilidade de perda do trabalho é enfaticamente combatida, sendo esta percebida pelos garis no fenômeno da terceirização. Tal como descrito por Minayo (1995), a representação social de um grupo corresponde a sua posição e interesses sociais específicos, o que coaduna com o discurso do grupo de descontentamento em relação à entrada das empreiteiras. Também se observa na temática da terceirização a oposição intra e interdiscursiva, relacionada ao trabalho público *versus* trabalho privado.

Tal oposição alerta sobre a possibilidade das representações sociais positivas, relacionadas à valorização do trabalho, serem influenciadas pela instituição, que é pública e, portanto, garante algumas vantagens aos trabalhadores, mais do que em relação à própria atividade. Sem elementos decisivos para tal proposição, sugere-se a partir deste estudo a realização de pesquisas em que se possam identificar as representações sociais de trabalhadores da limpeza urbana do setor privado que têm assumido o trabalho antes realizado pela empresa pública, a fim de investigar comparativamente as representações sociais de ambos os grupos.

A análise do discurso foi útil na extração de significados das falas dos entrevistados. Através dela foi possível se depreender a ideologia presente nos discursos dos garis, e como esta é compartilhada pelo grupo, constituindo assim o chamado imaginário social. A partir dela, pôde-se, portanto, entender as representações sociais compartilhadas pelo grupo em questão e o significado que o trabalho adquire na vida dos operários da limpeza urbana.

Portanto, conclui-se que, apesar da marginalização e preconceito relacionados à atividade do gari, o grupo demonstra, em seu discurso, representações positivas em relação ao trabalho. A atividade garante uma identidade ao sujeito, interferindo em sua

inserção na sociedade e delimitando espaços de mobilidade social. Conforme (KARAM, 2003), a atividade laboral está além do registro do consumo, encontra-se na constituição do ser. Nesse sentido, os resultados do estudo coadunam com outras pesquisas já realizadas, que demonstraram que mesmo as atividades precárias representam posição central na vida dos sujeitos, que se reconhecem como agentes moralmente aceitos (LIMA, 2007). Conforme ressalta Viegas (1989, p. 11): “[...] o trabalho acrescenta o que sou ao que não sou, acrescenta o que não sou ao que sou. Ele dá uma dimensão virtual para o meu ser”.

Por fim, destaca-se a contribuição deste trabalho ao campo da Administração, por meio da incorporação dos aspectos subjetivos e simbólicos à compreensão da atividade de trabalho e o foco no sujeito. Além disso, o artigo destaca também sobre uma categoria profissional, em geral, negligenciada, e cuja função é essencial a qualquer forma organizada de sociedade.

67

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Eds.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38.
- CARRIERI, A. P.; RODRIGUES, S. B. As transformações nas significações culturais em uma empresa de telecomunicações: de empresa pública a filial privada. In: XXV ENANPAD 2001, Campinas/ SP. **Anais** do XXV ENANPAD. Rio de Janeiro: ANPAD, 2001. p. 1-11.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COSTA, F. B. **Garis** - Um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. 230 p.

COSTA, F. B. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

FARIA, A. A. M.; LINHARES, P. T. F. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. In: MACHADO, I. L. (org.) **Análise de discursos**: sedução e persuasão. Cadernos de Pesquisa do NAPq. Belo Horizonte: FALE/UFMG/NAPq, n. 13, set. 1993.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2005.

FREITAS, M. E. A questão do imaginário e a fronteira entre a cultura organizacional e a psicanálise. In: MOTTA, F. C. P.; FREITAS, M. E. (Orgs.). **Vida psíquica e organização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GODELIER, M. **Modo de produção, desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

68 JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2001. p.17-44.

KARAM, H. O Sujeito entre a alcoolização e a cidadania: perspectiva clínica do trabalho. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 25 (3), 468-474, 2003.

LIMA, M. E. A. A relação entre distúrbio mental e trabalho: evidências epidemiológicas recentes. In: DINIZ, et al. **O trabalho enlouquece?** Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIMA, M. E. A. Trabalho e identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. **Educação Tecnológica**, v.12, n.3, 05-09, 2007.

MAINGUENEAU, D. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, R. (Org.) **Análise do discurso e literatura**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2005. Cap. 1, p. 17-29.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1961.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: S. MOSCOVICI (Ed.), **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

Regulamento de Limpeza Urbana de Belo Horizonte, 1978. Disponível em: <<http://www.cmbh.mg.gov.br>> Acesso em: 28 abr. 2007.

SPINK, M. J. P; BOCK, A. M. B. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VALSINER, J. Beyond social representations: a theory of enablement. **Papers on Social Representations**, 12, 7.1-7.16, 2003.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIEGAS, S. **Trabalho e vida**. Belo Horizonte. Palestra proferida na Conferência para os profissionais do centro de reabilitação profissional do INSS, em Belo Horizonte, em 12 jul. 1989.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Recebido: 18/09/2012

Aprovado: 24/10/2012